A AQUISIÇÃO DA ESCRITA
A IMPORTÂNCIA SOCIAL DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

EDIVIRGENS DE SOUZA GRANGEIRO

RESUMO: Este artigo tem a finalidade de contextualizar a aquisição da escrita, revelando seu peso histórico, mostrar sua evolução no decorrer dos anos, além de conceituar os processos de Alfabetização e Letramento, salientando sua importância social e política. Apresentamos neste ainda, o renomado trabalho de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, estudo que revolucionou os métodos de ensino infantil. Como conclusão, conceitua-se como Alfabetização, o processo de aprendizagem das regras e normas da escrita, sendo este inseparável do processo de Letramento, ressaltando- se a importância de se ensinar a ler e escrever, já dando sentido ao que se lê e ao que se escreve.

PALAVRAS-CHAVES: Alfabetização; Letramento; Contexto histórico da escrita; Aquisição da escrita.

ABSTRACT: This article aims to contextualize the acquisition of writing, revealing its historical weight, showing its evolution over the years, in addition to conceptualizing the Literacy and Literacy processes, emphasizing its social and political importance. We also present here the renowned work by Emilia Ferreiro and Ana Teberosky, a study that revolutionized teaching methods for children. In conclusion, Literacy is conceptualized as the process of learning the rules and norms of writing, which is inseparable from the Literacy process, emphasizing the importance of teaching to read and write, already giving meaning to what is read and what is being done. which is written.

KEY-WORDS: Literacy; literacy; Historical context of writing; Acquisition of writing.

1. INTRODUÇÃO

Podemos dizer que na atualidade uma das, senão a principal forma de comunicação, se dá pela escrita. Desde por meios formais como jornais, artigos científicos entre outros, até meios informais como as redes sociais. Usamos a escrita e a leitura para nos manter informados sobre o que acontece na sociedade, como forma de adquirir conhecimento, teórico ou popular, e ainda é usada em caráter democrático, onde lemos para estar a par dos nossos direitos e escrevemos para nos expressar social e politicamente.

Porém, antes de utilizarmos deste artifício, precisamos aprender suas regras e normas. Em algum momento de nossas vidas nos foi ensinado o ler e escrever, e mais importante que isso, dar sentido ao que lemos e escrevemos.

Partindo do princípio Piagetiano, de que todo conhecimento possui uma origem, o presente trabalho vem com o intuito de dissertar sobre como tudo começou, o contexto histórico da aquisição da escrita desde os povos antigos, sua linha do tempo, com qual principal intuito a escrita foi usada em cada época respectivamente e por quais transformações passou até os dias atuais. Além de conceituar alfabetização e letramento e mostrar como estes dois processos, apesar de diferentes são, por sua vez, inseparáveis e complementares, citando autoras como Emilia Ferreiro e Ana Teberosky.

2. DESENVOLVIMENTO

Contexto histórico:

Segundo Fischer (2009),

A escrita é, no entanto, muito mais do que “a pintura da voz” como queria Voltaire. Tornou-se a suprema ferramenta do conhecimento humano (ciência), agente cultural da sociedade (literatura), meio de expressão democrático e informação popular (a imprensa) e uma arte em si mesma (caligrafia), para mencionar algumas manifestações.

A história da escrita caminha junto a história da evolução humana, tendo seu início por volta de 3500 a.C. com a escrita cuneiforme na Mesopotâmia, onde desenhavam sinais e números sobre placas de argila utilizando uma ferramenta em forma de cunha para registrar seus costumes e vida cotidiana, originando daí seu o nome.

Passamos aos hierógrafos egípcios, encontrados em papiros, o antecessor do nosso papel, onde a leitura e interpretação de textos sagrados eram exclusivas aos sacerdotes e escribas. Na Grécia, com o início do pensamento filosófico, esta era usada com o principal intuito de registrar contratos jurídicos, inscrições dirigidas aos deuses e narrativas. Um marco importante também, é a escrita da Bíblia, que se deu entre 1500 a.C. e 450 a.C. por sua contribuição na formação e consolidação da sociedade ocidental.

Mais tarde com a invenção da pena metálica e a máquina de escrever no século XVIII, a escrita passa a ser usada com o intuito de informação popular, com fatos noticiados em jornais e revistas dando início a imprensa.

É importante salientar que desde o começo, esse meio de comunicação era dominado pelos mais ricos e influentes de sua respectiva época, no Egito por exemplo, esta atividade era exclusiva dos escribas e sacerdotes.

A aquisição da escrita transformou uma sociedade oral, em uma sociedade escrita, e é considerada como marco do abandono da mente selvagem e Nietzsche (2005) não errou ao dizer que "A importância da linguagem para o desenvolvimento da cultura está em que nela o homem estabeleceu um mundo próprio ao lado do outro, um lugar que ele considerou firme o bastante para, a partir dele, tirar dos eixos o mundo restante e se tornar seu senhor [...]".

Tem grande peso histórico, uma vez que gestos e sinais, deram lugar a desenhos em rochas e paredes, tornando possível o registro do cotidiano de antigas civilizações, nos permitindo hoje ter ideia dos costumes e cultura de nossos ancestrais e assim ter premissas para importantes descobertas tais quais como era feito o processo de mumificação ou as doenças que assolavam os povos antigos.

Já no ano de 1969, com a invenção da internet, a escrita é usada com a função d e interligar laboratórios de pesquisa e garantiu a comunicação entre militares durante a Guerra fria. Em constante evolução com o surgimento das redes socias, passamos a usar emoticons, aqui a globalização permite que uma conversa em tempo real entre pessoas que estão em países diferentes possa acontecer.

Com o passar do tempo a escrita adquiriu regras e normas, as quais são ensinadas nos dias de hoje já no período da infância, comumente entre 6 a 7 anos, e nomeamos este processo de ensino como alfabetização.

Alfabetização:

De acordo com Morais, Albuquerque (2007, p. 15),

Alfabetização – processo de aquisição da "tecnologia da escrita", isto é do conjunto de técnicas – procedimentos habilidades - necessárias para a prática de leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético ortográfico).

Em conforme com o supracitado MORAIS, a alfabetização é um processo de aquisição da habilidade de codificação de fonemas em grafemas, mas mais que isso, podemos dizer que é, segundo o renomado educador Paulo Freire (1999), um ato criador, no qual o analfabeto apreende criticamente a necessidade de aprender a ler e a escrever, preparando-se para ser o agente desta aprendizagem. Dito isto entende- se que não pode ser considerado uma atividade passiva, mas sim totalmente ativa.

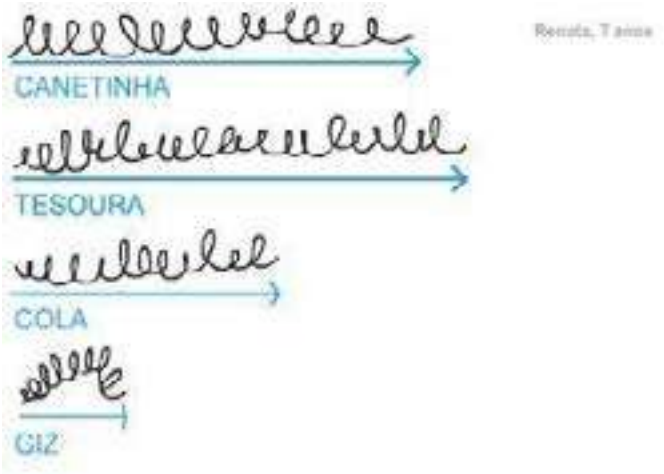
Afim de aprender mais sobre este processo e contribuir no aprimoramento dos métodos de ensino e alfabetização, Emilia Ferreiro e Ana Teberosky realizaram um estudo denominado PSICOGENESE DA LINGUA ESCRITA (1970), onde observaram 108 crianças sendo alfabetizadas.

O estudo leva em consideração o conhecimento que a criança já possui antes mesmo da alfabetização e se baseia na teoria da verdadeira escrita, sendo esta espontânea, contrária a imposta pelos métodos tradicionais que têm como base a cópia, e que por sua vez, inibem a verdadeira escrita.

De acordo com o estudo, a criança passa por um processo de aquisição de escrita baseado em cinco níveis de hipóteses: pré-silábica, intermediário, hipótese silábica, hipótese silábico-alfabética e hipótese alfabética.

Nível Pré-Silábico

Nível 1: No primeiro nível a criança tem traços típicos, como linhas e formas semelhantes a emes em letra cursiva. Ainda não conseguem diferenciar desenhos da escrita em seus registros, recorrendo ao uso dos desenhos. A escrita deve possuir variedade de caracteres. A quantia de grafias para cada palavra deve ser constante. A escrita dos nomes é proporcional à idade ou tamanho da pessoa, do animal ou do objeto a que se refere. Ela escreve boi de forma gigante e formiga de forma mínima. (VIEIRA, 2019)



(Fonte: https://pedagogiamodular.wordpress.com)

Nível 2: Para ler diferentes coisas deve haver diferença no modo de escrita. Concentra-se a quantidade mínima de caracteres para escrever – os caracteres aparecem organizados linearmente nesse nível. A forma dos caracteres está mais próxima das formas das letras e podem aparecer também alguns números (VIEIRA, 2019)



(Fonte: https://pedagogiamodular.wordpress.com)

O educando passa a adquirir hábitos e formas fixas de escrita, usando letras do seu próprio nome ou letras que já são conhecidas (aron, lido como sapo; aorn, lido como pato; raon, lido como casa) como base para seu registro. Cada letra ainda não possui sozinha um valor sonoro. Assim, a escrita continua sendo realizada de modo generalizado (Picolli; Camini, 2013). Predomina a escrita em letra de imprensa maiúscula (Multieducação).

Nível silábico

Nível 3: Aqui surge a hipótese silábica – a criança já confere valor sonoro a cada sílaba das palavras que escreve. As crianças associam a fala com a escrita. Algumas escrevem silabicamente, sem valor sonoro (Picolli; Camini, 2013). Se inicia então, um conflito entre a hipótese silábica e a quantidade mínima de letras obrigatórias para que a palavra possa ser lida. O educando utiliza duas formas

gráficas para escrever palavras com duas sílabas, o que vai de encontro à ideia inicial de precisar no mínimo de três caracteres (Multieducação).



(Fonte: https://pedagogiamodular.wordpress.com)

Nível silábico-alfabético

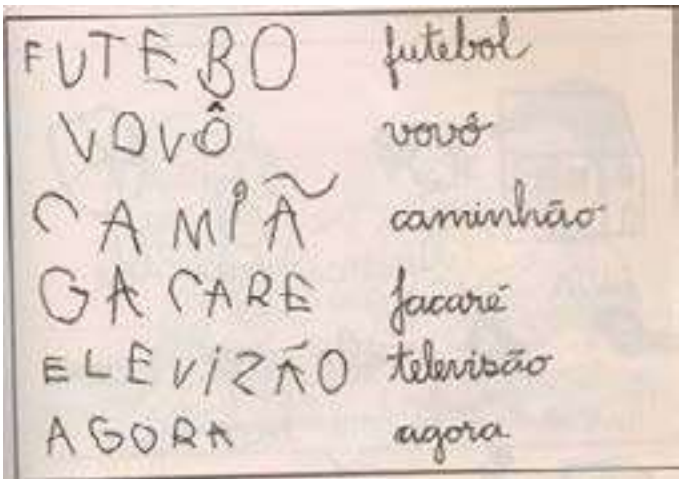
Nível 4: Este nível é marcado pela transição da hipótese silábica para a alfabética. A criança se aproxima de uma análise de fonema a fonema (Picolli; Camini, 2013). “Percebe que escrever é representar progressivamente as partes sonoras das palavras” (Multieducação).



(Fonte: https://pedagogiamodular.wordpress.com)

Nível alfabético

Nível 5: Neste último nível a criança já desenvolve uma análise fonética, produzindo escritas com hipóteses alfabéticas. Daqui para a frente, elas encaram outros desafios, como, por exemplo, a ortografia (Picolli; Camini, 2013).



(Fonte: https://pedagogiamodular.wordpress.com)

Pode-se dizer que o estudo de Ferreiro e Teberosky mudou a visão dos pedagogos e até do sistema educacional tradicional, mostrando que a aquisição da escrita é um processo multidisciplinar, que envolve não só a parte mecânica, mas também, e talvez principalmente, questões psicológicas, ambientais, culturais e sociais. Crianças que tem mais contato com materiais que contêm a linguagem escrita (revistas, gibis e etc.) desde cedo tem mais facilidade neste processo de associar o som das palavras faladas à escrita.

Segundo o método Piagetiano (1995), o conhecimento não nasce no sujeito, nem no objeto, mas sim na interação entre "sujeito-objeto", partindo desta premissa, salienta-se a importância do estímulo prematuro da criança em contribuição ao seu Desenvolvimento Neuropsicomotor. Para ilustrar tal fato, usemos o exemplo de um pai que não acredita que seu filho possa aprender a andar de bicicleta por ter pouco idade e por este motivo não lhe compra uma bicicleta, ora, sem a bicicleta será de fato impossível ou ao menos muito mais difícil que esta criança aprenda a pedalar.

A alfabetização deve ser um processo ativo, onde pensar é mais importante que copiar mecanicamente uma palavra, entender que um conjunto de letras é associado ao som de determinada palavra, dando início a compreensão dos fonemas.

"Mostramos que a aquisição das habilidades de leitura e escrita depende muito menos dos métodos utilizados do que da relação que a criança tem desde pequena com a cultura escrita.", concluiu Teberosky em uma entrevista cedida durante o Congresso Saber em 2005 realizado no Brasil.

Cabe aqui salientar que a educação e estímulos devem ser aplicados não somente entre o espaço de 4 paredes denominado sala de aula, mas sim em todo ambiente social ao qual a criança está inserida.

O método fônico tradicional fragmenta a alfabetização em etapas, separando a leitura da interpretação, o que pode gerar problemas futuros.

Letramento:

Para Morais, Albuquerque (2007),

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas inseparáveis do contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse ao mesmo tempo alfabetizado e letrado.

Segundo MACEDO (2022), letramento é o uso das habilidades de leitura, de escrita e raciocínio numérico para atingir objetivos, desenvolver o próprio conhecimento e agir na sociedade.

O letramento está intimamente ligado ao processo de alfabetização, sendo os dois inseparáveis, e destaca-se ainda a importância de ensinar a ler e escrever juntamente a dar sentido ao que se escreve e a o que se lê.

Para Freire (1999), o processo de alfabetização caracteriza-se no interior de um projeto político que deve garantir o direito a cada educando de afirmar sua própria voz, pois, segundo o autor, "a alfabetização não é um jogo de palavras; é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos (...) A alfabetização, portanto, é toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra".

Dados do INAF (Indicador de Alfabetismo Funcional), mostram uma significativa redução do número de analfabetos plenos na população brasileira, caindo de 12%, em 2001-2002, para 4%, em 2015. (2022)

Define-se como democracia um processo de convivência social em que o poder emana do povo, há de ser exercido, direta ou indiretamente, pelo povo e em proveito do povo. O letramento dá ao povo o poder da interpretação, e está por sua vez garante seu direito democrático.

Aqui se ressalta um contraste social, é evidente como em países subdesenvolvidos, onde a população que tem como prioridade a sobrevivência, com pouco ou nenhum acesso à educação de qualidade e a cultura é tratada como massa e dominada politicamente por pessoas com poder aquisitivo maior. Fica assim, explícito a correlação entre o analfa-

betismo funcional e a autocracia, a desigualdade social e a ausência do pensamento crítico, quando não se sabe interpretar direitos estes são negligenciados.

3. CONCLUSÃO

A partir de tudo que foi apresentado, podemos concluir que Alfabetização é o processo de aprendizagem das regras e normas da escrita, o qual deve se dar de forma ativa, levando em consideração o conhecimento primário do educando, fazendo-o desabrochar juntamente com sua interpretação, que por sua vez dá nome ao processo de Letramento, sendo este de fundamental importância no momento de dar sentido ao que lemos e escrevemos. Os dois tem papel essencial na formação do pensamento crítico e na inserção social e política de cidadãos desde o período da infância até a fase adulta.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. 1980.

FISHER, Steven R. História da escrita: Tradução Mirna Pinsky. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 26 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

INAF. Indicador de Alfabetismo Funcional. Disponível em: https://alfabetismofuncional.org.br/alfabetismo-no-brasil/. Acesso em 13/01/2023.

MACEDO, Celina Ramos Arruda. Uma reflexão sobre os conceitos: Letramento, alfabetização e escolarização. 2022.

ALFABETIZAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Alfabetização e letramento. Construir Notícias. Recife, PE, v. 07 n.37, p. 5-29, nov/dez, 2007.

MULTIEDUCAÇÃO. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Educação. MULTIRIO. Disponível em: http://portalmultirio.rio.rj.gov.br/cime/ME02/ME02_010.html.

NIETZSCHE, F. Humano, demasiado Humano. São Paulo: Companhia de Bolso,2005. p. 20.

PIAGET, Jean. Abstração Reflexionante: relações lógico-aritméticas e ordem das relações espaciais. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

PICOLLI, Luciana; CAMINI, Patrícia. Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade. Porto Alegre: Edelbra, 2013.

REIS, Caroline Kirsten. História da escrita: uma contextualização necessária para o processo de alfabetização. Minas Gerais: Universidade Federal de Uberlândia, 2019.

VIEIRA, Thiago. Pedagogia Modular. 2019. Disponível em https://pedagogiamodular.wordpress.com. Acesso em 13/01/2023.